

SCOTT, Parry; LIRA, Luciana; MATOS, Silvana. (org.). **Práticas sociais no epicentro da epidemia do Zika**. Recife: Editora da UFPE, 2020.

Ana Claudia Knihis de Camargo¹

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

A coletânea “*Práticas sociais no epicentro da epidemia do Zika*”, organizada pelos antropólogos Parry Scott, Luciana Lira e Silvana Matos, foi publicada em 2020 pela editora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Os três antropólogos fazem parte de uma equipe mais ampla, da qual vários dos autores da coletânea também são integrantes, que têm desenvolvido a pesquisa “*Etnografando cuidados e pensando políticas de saúde e gestão de serviços para mulheres e seus filhos com distúrbios neurológicos relacionados com Zika em Pernambuco, Brasil*”, esta coordenada por Parry Scott e vinculada ao grupo Família, Gênero e Sexualidade (FAGES), também da UFPE.

O livro veio ao mundo no mesmo ano em que o Sars-Cov-2 chegou oficialmente ao Brasil, mudando drasticamente a rotina de milhões de brasileiros. A leitura, entretanto, nos transporta a um outro período de emergência sanitária, nos idos de 2015, quando as notícias sobre a descoberta da relação entre o vírus Zika e o nascimento de milhares de crianças com microcefalia começaram a estampar os jornais. Tais matérias passaram a chamar atenção da sociedade civil para o que os cientistas e médicos da região já estavam, há alguns meses, percebendo em suas clínicas, ao subitamente notificar quatro, cinco vezes mais casos de microcefalia em recém-nascidos do que nos anos anteriores: havia um novo vírus na região e suas consequências reprodutivas ainda estavam sendo conhecidas.

Essa história narrada a respeito do Zika teve um cenário específico: a Grande Recife, capital de Pernambuco. Local central para o entendimento da epidemia, é justamente o Estado de Pernambuco que serve de base para as pesquisas feitas nos 11 trabalhos apresentados ao longo da coletânea. Os trabalhos dispostos no livro estão de acordo com a compreensão de que a epidemia do Zika nunca acabou para as famílias diretamente afetadas, ainda que seu fim tenha sido declarado pelas autoridades competentes. Dito isso, os artigos distribuídos nessas 264 páginas trazem a importante discussão que vai além do *que* tem se passado com os sujeitos diretamente afetados pela epidemia do Zika, mostrando nuances de *como* suas rotinas têm se desenrolado, a partir da imersão em suas práticas diárias em diversos âmbitos: escolar, financeiro, de transporte e mobilidade urbana, de cuidado, judicialização e acesso aos direitos, etc.

Recebido em: 1º/12/2022

Aceito em: 15/02/2023



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Por meio de uma visão interdisciplinar, plural e diversa, a pessoa que lê entra em contato com várias formas de fazer pesquisa. A riqueza do trabalho certamente se dá em sua construção coletiva e no fato de que foi escrito por muitas mãos, gestado por muitas pessoas. Há um esforço para valorizar essa pluralidade de percepções de mundo, de trajetórias acadêmicas e de áreas de conhecimento que repercute em diferentes estilos de escrita e discussão, ampliando os horizontes do debate. Distanciando-se dos caminhos mais tradicionais de escrita e publicação nas Ciências Sociais (CS), em que, geralmente, os autores assinam sozinhos, nessa coletânea há muita coprodução. Há textos assinados por três, quatro pesquisadores, por exemplo, o que, novamente, é bastante raro nas CS.

Nessas coautorias, é possível ver como o projeto de escrita incluiu desde estudantes de graduação a pós-doutorandas e professoras. E aqui venho trazendo os pronomes no feminino, explicando que a maior parte das autoras são mulheres, em conformidade com o que Freitas e Fleischer (2021) perceberam em seu balanço bibliográfico sobre a produção científica do Zika no Brasil. Ademais, há diversas áreas de conhecimento contempladas no livro, que conta com pesquisadoras da Antropologia, mas também da Fisioterapia, da Medicina, da Saúde Pública, da Enfermagem e do Serviço Social.

Trazendo aspectos iniciais dessas “multiplicidades internas” que perfazem a Síndrome Congênita do Zika vírus (SCZV) e a epidemia do Zika como um todo, a apresentação do livro é assinada pelo professor Parry Scott, que traz um breve, mas potente, resumo do que os leitores vão encontrar ao longo dos próximos capítulos.

O Capítulo 1, “*Sendo prioridade entre prioridades: Fortalecimento mútuo e desentendimentos na articulação de cuidados entre casa, serviços e áreas de conhecimento*”, também é de sua autoria. Scott evidencia a articulação do que apresenta como três “domínios de cuidado” predominantes no contexto do Zika, o relacional, o de atendimento e o de conhecimento. Em cada um deles, há hierarquias e assimetrias próprias que se tornam mais claras a partir dos relatos apresentados que mesclam intra e interdomínio. A partir desses relatos, o autor dá exemplos de como isso se dá na prática: nas filas de espera que marcam a subordinação dos pacientes, nas compensações de comida e outras doações dadas por instituições e pesquisadores após o aceite de participação em pesquisas, ou no desgastante processo de comprovar pobreza para que as famílias tenham acesso a direitos, como o Benefício de Prestação Continuada (BPC).

Relatos como esses certamente estão presentes na realidade das famílias cujo Capítulo 2 debruçou sua discussão. Em “*Vulnerabilidades e desproteção social das famílias com casos confirmados de Zika Vírus: os dados revelados através do Cadastro Único para Programas Sociais*”, é assinado por Barbosa, Reis e Silva e Samico. Os três autores revelam dados que ajudam os leitores a compreenderem como se dão as condições sociais das famílias de crianças nascidas com a SCZV. No texto, foram analisadas famílias associadas ao Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico), o que, segundo os autores, compunha a realidade das famílias de 90% dos casos confirmados vivos. Quem são as famílias de crianças nascidas com a SCZV? O texto traz dados importantes para análise e desenvolvimento de pesquisas futuras, como o número de pessoas que habitam o mesmo domicílio, se há recebimento, ou não, do Bolsa Família e do BPC, número de filhos, perfil de autoidentificação racial e assim em diante. São números importantes para situar a dimensão das narrativas apresentadas em outros capítulos.

O terceiro capítulo, *“Uma boa mãe de micro – Uma análise da figura da boa mãe presente no contexto da Síndrome Congênita do Zika vírus”*, é de autoria de Lustosa. Nele, a autora primeiramente apresenta uma revisão bibliográfica dos estudos feministas de maternidade desde os anos de 1970, para, então, discutir a intensidade do trabalho dessas mulheres cuidadoras e a moralidade imbricada no que é considerado um “bom” desempenho do papel materno. A autora demonstra como as diversas subjetividades das mulheres nesse contexto são reduzidas ao papel de “mãe”, em razão de uma ampla violência de gênero que é direcionada a essas cuidadoras em diversos momentos de suas vivências.

O quarto capítulo propõe uma discussão metodológica. O texto *“Acompanhamento de crianças com síndrome congênita associada à infecção do Vírus Zika (SCZ) e suas redes sócio familiares: uma narrativa de uma pesquisa-intervenção”*, escrito por quatro autores, trata da condução e da análise da pesquisa que a equipe desenvolveu. Em consonância com a proposta da própria coletânea, a pesquisa desenvolvida aqui teve caráter pedagógico e interventivo, a partir de uma interdisciplinaridade na composição de seus integrantes e de uma proposta de pesquisa-ação de cunho assistencial.

O quinto capítulo, *“A descoberta: o alerta para a microcefalia e outros sinais e sintomas associados à SCZV e a reorganização da rede de serviços de saúde em Pernambuco”*, escrito por Souza, Coelho e Júnior, nos leva ao início da epidemia, quando as notícias do Zika começaram a ganhar destaque no país. O estudo teve como base entrevistas aplicadas a profissionais de saúde, pesquisadores, gestores e cuidadores e suas narrativas acerca dos momentos iniciais. Recife foi considerada pelos autores “um grande laboratório de aprendizado mútuo”, por conta do drástico interesse e investimento científico no local que resultou em grandes parcerias e colaborações, colocando em cena instituições privadas, filantrópicas, laboratórios, Ministério da Saúde e organizações, como a Pan Americana de Saúde e a Organização Mundial de Saúde. Os autores alertam para diversos problemas que se iniciaram nos primeiros anos da pandemia e se mantiveram, como o silenciamento da mídia, a falta de capacitação de diversos profissionais da saúde e os serviços pouco equipados, que revelavam um quadro de falta de planejamento a má condução da epidemia no país, colocando as famílias em uma situação de ainda mais vulnerabilidade.

Nessa toada, o sexto capítulo, *“Como fatos científicos (não) se tornam fatos sociais: uma pesquisa sobre a participação da Fiocruz no combate à epidemia do VZ no Brasil”*, escrito por Brito, também mantém a ciência como objeto central na discussão desenvolvida. O autor utiliza uma bibliografia da Antropologia da Ciência para se debruçar sobre as instituições “produtoras de verdades científicas”, realizando seu campo em um laboratório de entomologia da capital pernambucana. Focando na rotina de laboratório em que está inserida sua interlocutora principal, o autor vai destrinchando as relações entre a delicada produção de verdades e fatos científicos em paralelo à visão das CS acerca do fato social.

O sétimo capítulo, *“Itinerário terapêutico da SCZV em uma regional de saúde do estado de Pernambuco”*, escrito por Bulhões e Dias, mostra uma visão privilegiada de uma profissional que trabalha em uma instituição de saúde em um município do interior como equipe de apoio e de contenção às arboviroses. As autoras observam, com dados de entrevistas e pesquisa etnográfica, como há lacunas múltiplas na rotina dessas famílias, que contam

com serviços de saúde desestruturados e desigualdades que vulnerabilizam o emocional dessas mães.

No oitavo capítulo, *“Vidas em trânsito: deslocamentos no contexto da SCZV”*, Canuto e Silva discutem a importante questão da mobilidade e das idas e vindas diárias da díade cuidadora e criança, focando nas que residem em municípios periféricos ou periurbanos, afastadas dos espaços de tratamento, reabilitação e atendimento. As autoras apresentam uma mãe de 34 anos e suas estratégias para lidar com o cansaço e as rotas diárias rumo à capital. A perspectiva de movimento é trazida pela leitura de Ingold (2015), compreendida como noção que vai além da simples chegada a determinado local, levando em conta todas as possibilidades, criadas e recriadas, durante o ato. As autoras caracterizam a rotina dessa mãe como uma “condição de peregrinação” em um texto que vale a pena ser lido.

O nono capítulo, *“Inclusão de crianças com SCZV nas creches do município de Recife, Brasil”*, é de autoria de Netto, Santos, Ferraz e Wiesiolek. O tema das creches e da escolarização de crianças com a SCZV merece muita atenção, visto que ainda há pouca produção científica detalhando como tem sido o processo de inclusão dessas crianças nas instituições escolares. Os autores identificaram que, durante o ano letivo de 2018, somente 11 crianças com SCZV foram matriculadas na rede pública, número que chama ainda mais atenção quando se considera que esse é o estado com maior número de crianças nascidas com a síndrome. Ou seja, há uma falha no processo de inclusão na fase escolar desde o momento da matrícula. Os autores discutem os desafios para os professores e fazem um balanço das relações maternas com as creches, mostrando uma importante amplitude de perspectivas.

A temática continua presente no décimo capítulo, *“Zika nas escolas: o compartilhamento de resultados de pesquisas como estratégia de prevenção no enfrentamento da epidemia do Zika vírus”*, de Saraiva e Silva. As autoras apresentam dados que demonstram que, mesmo após quatro anos da identificação do VZ, ainda há um baixo grau de compartilhamento de informações científicas sobre seus sintomas, formas de transmissão e consequências. Assim, as autoras relembram a importância do ensino e extensão para a divulgação científica e a pertinência da Antropologia na mediação do diálogo científico com as escolas e salas de aula, compartilhando impressões e experiências do projeto que participaram com o intuito de levar essas informações a três diferentes escolas públicas.

O Capítulo 11, *“Zika, Chikungunya, Ventos e Encantados entre os Pankararu de Pernambuco”*, de Veras e Athias, se debruça sobre o entendimento do Zika e Chikungunya entre os Pankararu, grupo indígena que reside no sertão pernambucano. Os autores apresentam alguns pontos da cosmologia Pankararu ao tratar dos Encantados, que, junto a outras figuras importantes para a comunidade, demonstram um intenso sincretismo religioso. As formas de transmissão do Zika são questionadas, avaliadas e ponderadas pelos interlocutores, havendo um consenso geral na comunidade de que a principal forma de transmissão se dá pelo vento. Os autores também discutem como os sintomas frequentemente são tratados por Pajés e Rezadeiras: a espiritualidade é central para a compreensão do Zika nesse meio.

As distintas temáticas brevemente apresentadas neste texto mostram como o livro é plural em seus olhares, como toda boa coletânea o é. Os diferentes capítulos discutem temas urgentes dentro do campo da epidemia com uma importante base em comum: as

lentes das CS são levadas em conta ao colocar as práticas sociais da epidemia no centro da discussão. Como um todo, é possível perceber o esforço dos autores em evidenciar as estratégias locais traçadas pelos sujeitos que convivem, no presente, com a epidemia do Zika em suas vidas. A articulação de muitos olhares, diferentes campos de conhecimento e vários autores colocando “a mão na massa” foi uma demonstração bem palpável de como, de fato, a capital pernambucana tornou-se “um grande laboratório de aprendizado mútuo”. Vale lembrar que o acesso ao *e-book* em PDF está disponível gratuitamente no próprio *site* da editora. Acredito que seja uma devolutiva muito oportuna às interlocutoras, como mães, gestoras, cientistas, alunas e pesquisadoras da área.

Como trazido no início deste texto, os trabalhos da coletânea tratam de um período pré-pandêmico. Nesse sentido, é também uma contribuição para pesquisadoras que têm se debruçado sobre os impactos da Covid-19 para populações diversas, afinal, estudos sobre epidemias fornecem caminhos para entender as estratégias locais traçadas na lida com o que se entende por uma emergência sanitária. De qualquer forma, ainda há muito o que se compreender sobre a epidemia do Zika. Há urgência em se debater, por exemplo, as consequências de políticas centrais como a sanção da lei que dá pensão vitalícia às crianças nascidas com a síndrome em detrimento do BPC, em 2020, assim como a tramitação do “rol taxativo”.

Por fim, não poderia deixar de fora a lembrança da bela arte que estampa a capa, produzida por Rodrigo Victor, composta do desenho de uma mulher segurando um bebê ao estilo de folheto de cordel. A arte foi uma adaptação do cordel produzido pelo poeta Cleydson Monteiro, que, em breves versos, faz um caprichado (e urgente) lembrete, apropriado para resumir o que vimos até aqui:

O que hoje se espera
De um governo do povo,
É um tratamento novo
Para quem se recupera,
E luta como uma fera
Por sua boa semente
São filhos, não indigentes
De uma terra que esmaga
O Aedes é a praga
Que assusta muita gente.
(MONTEIRO, 2019)

Agradecimentos

Agradeço à Rede Antropo-Covid, Fapesc, Sônia Maluf e ao Gabriel Cantu pela generosidade de suas leituras atentas que enriqueceram o texto.

Referências

FREITAS, G.; FLEISCHER, S. A epidemia do vírus Zika nas Ciências Sociais no Brasil: Um balanço bibliográfico (2016-2018). **Revista TOMO**, Sergipe, n. 38, p. 309-338, jan. 2021.

INGOLD, T. **Estar vivo**: ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. (Coleção Antropologia).

SCOTT, Parry; LIRA, Luciana; MATOS, Silvana (org.). **Práticas sociais no epicentro da epidemia do Zika**. Recife: UFPE, 2020. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/88>. Acesso em: 29 ago. 2023.

Ana Claudia Knihs de Camargo

Mestre em Antropologia pelo PPGAS/UFSC, graduada pela Universidade de Brasília.

Endereço profissional: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. CEP: 88040-900.

E-mail: anaclaudiadecamargo@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5264-3655>

Como referenciar esta resenha:

CAMARGO, Ana Claudia Knihs de. Resenha da obra: Práticas sociais no epicentro da epidemia do Zika. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 25, n. 3, e92010, p. 116-121, setembro de 2023.